

MASSAUD MOISÉS
é professor aposentado de
Literatura Portuguesa da
FFLCH-USP e autor, entre
outros, de *A Literatura
Portuguesa* (Cultrix).

*José
Paulo
Paes*

MASSAUD MOISÉS

Uma versão abreviada deste arti-
go foi publicada na *Folha de S.
Paulo*, de 18 de outubro de 1998.



A história literária mostra-nos que há dois tipos de escritores: aqueles que, com a morte, legam uma obra aos azares da fortuna, dentre os quais o rápido esquecimento não é o menos freqüente; e os que, além da obra, deixam uma forte imagem como seres humanos ou a lembrança de uma existência repleta de lances dramáticos ou pitorescos. A biografia dos primeiros exhibe interesse variável, conforme o nosso ângulo de visão, mas sempre menor que o da obra, ao passo que a personalidade e a vida dos outros, tanto quanto os seus escritos, constituem assunto de permanente atualidade. José Paulo Paes inscreve-se nitidamente entre os escritores do segundo grupo.

Agora que a morte o levou (9 de outubro de 1998), podemos ver toda a sua estatura humana e literária. Quando vivo, a sua medida já era notória para os que a quisessem contemplar, mas as suas altas e incomuns qualidades humanas como que nos distraíam a atenção. A proximidade ofuscava-nos o olhar. Víamos, é certo, uma grandeza a emitir luz capaz de abater as trevas da ignorância, sentíamos que nele palpitava uma singular inteligência crítica, sabíamos que o habitava uma aguçada sensibilidade, tudo formando um mosaico de linhas harmônicas e coesas. Foi preciso no entanto que a morte o levasse repentinamente, sem aviso, para que tudo isso, e o mais que compunha a sua figura de intelectual multimodo, exhibisse a sua dimensão mais definida e mais completa.

Acionado, na mocidade, por um pensamento generoso de comunhão universal, cedo descobriu que a sua eficácia estava cercada de não poucas limitações decorrentes do maquiavelismo político praticado por seus companheiros de fé. Mas guar-

dou desse tempo aquilo que era parte intrínseca do seu caráter, por momentos identificada com uma ideologia, ou antes, com um partido político: soube, como poucos, ser um homem solidário com o sofrimento humano, sem distinção de espécie alguma, porque nele a fraternidade era mais um sentimento, um impulso nobremente humano, que uma regra política para fins de domínio e poder. Não o perturbava que o substrato desse gesto permanente de solidariedade fosse uma utopia, pois, acima das opções políticas enfeudadas em partidos, havia o desejo entranhado no seu caráter que o mundo fosse um só, governado por um forte senso de justiça e harmonia, sem as diferenças de cor, religião ou credo político.

A literatura, espaço de eleição para os sensíveis, que nutrem sentimentos de esteira e desejos de comunicação com o próximo num plano para além dos interesses materiais, escolheu-a sem cálculo, profundamente convicto de que por meio dela poderia realizar as suas virtualidades de espírito e concretizar o gesto fraterno na direção do próximo. Como poeta, buscava algo mais do que a chamada beleza estética: sem a perder jamais de vista, tinha em mira despertar a consciência do leitor para as manifestações da realidade que a seu ver mereciam corretivo pelas injustiças que comportavam. E solidarizava-se com os poetas que estreavam ou ainda buscavam o seu caminho, assim como se irmanara aos poetas que o precederam no mesmo afã de construir beleza e avivar consciências, deles recebendo o tom e o convite para esculpir os seus poemas, sem comprometer jamais a sua independência e o seu poder de repulsa às várias formas de injustiça, de absurdo, de ridículo, de falsidade, onde elas se encontrassem.

Eis por que o epigrama constituía o seu

molde predileto: embora espaço breve, conciso, lapidar, era porém suficiente para que desse corpo às novidades descobertas no cotidiano mais banal, fruto das suas antenas sensíveis, sintonizadas com todas as coisas ao seu redor, ou desentranhadas das suas reminiscências biográficas, graças a uma prodigiosa memória, que se manteve intacta até o fim. É que, se ele nutria sentimentos fraternos pelo próximo e tinha como poucos a paixão literária, manifestara desde cedo um franco desamor aos esparramentos, quer nos sentimentos que o moviam, quer na forma ou no conteúdo dos seus poemas e ensaios. Tratando-se das coisas lógicas ou do sentimento, no plano do convívio humano, ou no da expressão literária, guardava um respeito quase sagrado – ele que se confessava materialista – às verdades simples e resistentes às modas e à corrosão do tempo. E se cultivava uma fina e característica ironia, era para melhor exercitar o seu sentimento do mundo, provocando no leitor ou ouvinte a tomada de consciência que liberta, e pondo em ridículo as mazelas do dia-a-dia que a seu ver pediam reparo urgente.

Um clássico, em suma, sedento de um “admirável mundo novo”, situado não no além, senão aqui mesmo, para quem o aceso ao grego antigo e moderno, aprendido com a paciência de um autêntico *clerc*, franqueou as portas para as línguas menos conhecidas entre nós (o holandês, o dinamarquês), além do alemão e do latim, depois de assimilar na juventude os idiomas veiculares. Um raro caso de força de vontade e aptidão para o aprendizado e manuseio criativo de línguas. Um clássico, pois, para quem a transparência da linguagem significava a clareza do pensamento, num culto ao vernáculo que se fazia tanto mais exigente quanto mais sabia

que à sua volta pululavam os sinais de agressão às fontes vivas da linguagem. O ensaio longo, a demandar a investigação paciente, ou o artigo de jornal, em que se debruçava generosamente sobre a produção corrente, não raro para colocar jubilosamente na vitrine um talento novo que descobria em meio à avalanche de obras que vinham bater-lhe à porta diariamente, mereciam-lhe o mesmo cuidado grave, de artesão feliz com o seu ofício.

A sua mente aberta percorria todos os quadrantes do universo literário, o nosso e o alheio, exprimindo pontos de vista originais e sutis, ou traduzindo obras de importância capital, desde o *Canaã* até o *Tristram Shandy*, ou desde Augusto dos Anjos até Seféris. Fazia-o sempre com a proficiência de um autêntico *scholar*, que jamais quis ser, não obstante os numerosos acenos que a Universidade lhe fez ao longo dos anos. O caso é digno de nota, pois ele, que se formara em Química para ter uma profissão que lhe permitisse a sobrevivência diária, era um autodidata em tudo o mais, um verdadeiro *self made man*. Por isso recebera, muito merecidamente, o título de notório saber, que lhe permitiria fazer parte de bancas e ministrar cursos de pós-graduação, sempre com uma eficiência sem par.

Note-se ainda que, como poeta, abriu as janelas para o contato com as crianças, escrevendo ou vertendo poemas que lhes eram expressamente destinados, num diálogo surpreendente pela identificação com o público infantil, que lhe retribuía na mesma moeda. Um milagre esse de encontrar uma frequência de onda para falar às crianças, estendendo-lhes o mesmo gesto altruísta que lançava para os leitores adultos, decerto convicto de que as suas pulsões interiores de poeta consciente eram sempre as

mesmas, fosse quem fosse o seu interlocutor.

Tudo isso, que se ergue como um precioso legado, indispensável ao melhor conhecimento da nossa cultura, decerto não brilharia tanto se não espelhasse as qualidades dum intelectual honesto como poucos, coerente como raros, ainda quando a vida lhe parecia ingrata ou o convívio com os semelhantes não lhe devolvia na mesma moeda as atitudes de fraterna solidariedade e de amor incondicional à verdade. As incontáveis amizades que foi granjeando pela vida afora dizem bem do seu companheirismo sem igual, da sua lealdade tão invulgar quanto mais o seu valor podia gerar inveja ou a competição desenfreada.

Faz precisamente 40 anos que o conheci, numa tarde ensolarada, na editora que soube em boa hora chamá-lo para coordenar o seu projeto de modernização. Trabalhara até então numa indústria farmacêutica, onde empregara não só os conhecimentos científicos que lhe poderiam facilitar a ascensão profissional (que sempre recusou), como também as suas faculdades humanas, que lhe propiciaram amigos da vida inteira, ainda que sem outra afinidade para além do trabalho. Acreditava que, estando mais próximo do livro, poderia dedicar-se em tempo integral à paixão literária, mas somente com a aposentadoria, volvidos mais de 20 anos, é que encontrou as circunstâncias que lhe facultaram dedicar-se inteiramente aos seus poemas, ensaios e excelentes traduções. A imediata empatia não se alterou no curso dos anos, evidenciando que as circunstâncias me haviam proporcionado a rara oportunidade de conhecer não só um intelectual superiormente dotado, mas também um homem especial.

Dizer que o seu desaparecimento constituiu uma perda irreparável é, obviamente,

um clichê, mas não encontro palavras mais adequadas para traduzir o sentimento que acomete a todos que o conheceram de perto, privando da sua engrandecedora amizade, ou apenas puderam ter dele a imagem brilhante que a sua obra poética, ensaística, ou de fino tradutor, projetava.

• • •

Convidado por uma editora a “se lembrar dos sonhos passados, dos planos, dos trabalhos. E imaginar os futuros”, José Paulo escreveu uma breve autobiografia que é o autêntico retrato de corpo inteiro de um “eu e sua circunstância”, delineado praticamente até os últimos dias. Uns fragmentos nos bastarão para testemunhar até que ponto ia a sua coerência de homem e de escritor engajado na melhor luta pelo esclarecimento e emancipação das consciências.

Quem, Eu?, chama-se o texto, inspirado num velho programa humorístico de Lauro Borges e Castro Barbosa, a “PRK30”, muito apreciado nos idos de 40. E a sua explicação, dada logo à entrada da viagem proustiana ao passado em Taquaritinga e outras cidades nacionais e estrangeiras, diz bem do caráter de José Paulo:

“Quando Vivina de Assis Viana me convidou para escrever este livro, perguntei-me, surpresa: ‘Quem, eu?’. Nunca pensei que minha vida fosse interessante a ponto de merecer uma biografia. Certa ocasião em que me pediram para falar da minha carreira de poeta (se é que a poesia é uma carreira), dei à palestra o título de ‘Um poeta como outro qualquer’. Pois é assim que me vejo. E, quando penso que alguém da gran-

deza de Manuel Bandeira se considerava um poeta menor, que mais posso ser senão um mínimo poeta?”

Um salto no tempo, e José Paulo levamos com ele a Curitiba, onde fazia o curso de Química, em meio ao convívio com “amigos de mais luzes culturais”, alguns deles poetas. A reminiscência é duma lusura não raro ausente na pena dos biógrafos:

“Percebi então que é indispensável ao poeta um lastro cultural tão amplo e diversificado quanto possível. Só talento não lhe basta. Para que ele possa desenvolver suas virtualidades, necessita do estímulo, tanto quanto da régua e compasso da cultura. Eles o incitarão a ampliar o repertório, a técnica e a visada de sua poesia, ao mesmo tempo em que lhe fornecerão padrões de excelência para avaliar o nível do seu próprio desempenho. Comparando o que faz com aquilo que os grandes poetas fizeram, ele irá aprendendo a desenvolver o senso de autocrítica, única bússola capaz de o pôr no rumo certo. Elogios e censuras alheias jamais o farão escrever versos melhores. Para escrevê-los, ele terá de confiar no seu próprio juízo, corrigindo, mudando, rasgando, se necessário, o já-feito, até chegar ao melhor de que seja capaz”.

O olhar franco lançado para o tempo da formação reconhece antecessores nas figuras de Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, a quem era grande a dívida de gratidão:

“Com esses fundadores da nossa modernidade poética aprendi que poesia é ver as coisas do mundo como se fosse pela primeira vez e exprimir essa novidade de visão da maneira mais concisa e intensa □pos-

sível, numa linguagem onde só haja lugar para o essencial, não para os acessórios. Daí a eliminação de tudo quanto cheire a enfeite, ou ornato, inclusive rima e métrica, se necessário for. Nunca mais esqueci essa lição fundamental; disso dá testemunho a dicção econômica das dezessete coletâneas de poemas que até hoje publiquei”.

Químico de profissão anos a fio, para ganhar o pão de cada dia, José Paulo passara mais tarde às lides editoriais, para estar mais próximo da poesia dos seus cuidados, até um dia se recolher à aconchegante casa de Santo Amaro, para se dedicar integralmente à paixão que trazia da longínqua infância em Taquaritinga. O seu retrato completa-se com um parágrafo em que faz menção desse retiro de autêntico *clerc*, onde se diria flutuar, como uma brisa de suave nostalgia, uma espécie de “aviso do destino”, a premonição de estar vivendo os últimos dias de uma vida exemplar:

“Passo o dia em meu gabinete de trabalho, no fundo do quintal. Não um quintal de árvores de frutas e canteiros de verduras, o da casa de J. V. [abreviatura dos prenomes do seu avô materno], mas de árvores de flores e canteiros de folhagens cuja vista me descansa os olhos e atrai abelhas, borboletas, passarinhos. Rodeado de livros, sinto-me no centro do mundo. Com eles viajo pela geografia do saber e da imaginação que tão fielmente cartografam. E nos textos que escrevo, prosa ou verso, busco amealhar as pequenas riquezas colhidas vida afora – associações de idéias suscitadas por um poema, um romance, um □ensaio; lembranças de fatos que me tocaram particularmente; imagens de algum sonho que busco fixar antes de dissolverem sua estranheza no ar”.